

ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E SUA APLICAÇÃO AO UNIVERSO DE CORDAS DEDILHADAS NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA

Adriana Olinto Ballesté
adri@interkit.com.br
Orientadora: Rosana Lanzelotte

RESUMO

No universo da musicologia, em particular no da organologia, enfrenta-se com frequência problemas de imprecisões terminológicas. Um exemplo típico diz respeito aos instrumentos de cordas dedilhadas no Brasil. Este trabalho mostra a importância da aplicação de metodologias de organização do conhecimento ao universo musical e especialmente ao domínio de instrumentos musicais de cordas dedilhadas.

Palavras-chave: musicologia, organização do conhecimento, análise do domínio, ontologia, cordas dedilhadas, viola, violão.

ABSTRACT

On the musicology, in particular in the organology, terminological problems often occur. A typical example can be observed in the plucked musical instruments universe in Brazil. This paper demonstrates the importance of the application of knowledge organization methodologies in the musical domain, especially in the plucked musical instruments domain.

Key-words: musicology, knowledge organization, domain analysis, ontology, plucked instruments, viola, guitar.

INTRODUÇÃO

No âmbito da organologia uma questão primordial é a que diz respeito aos aspectos terminológicos. Uma das principais motivações deste trabalho é a observação de que a imprecisão terminológica em determinados campos do conhecimento causa problemas de incompreensão e erros de interpretação. No domínio de cordas dedilhadas no Brasil a questão é ainda mais sensível. Tabora afirma que “qualquer trabalho mesmo superficial sobre o violão deve necessariamente partir do estudo da palavra que o designa, mero aumentativo de viola (...)”.¹

Ao investigar as origens do termo ‘violão’ a autora afirma:

“O estudo da palavra, como em nenhum outro caso, adquire aqui relevância e gera resultados que não podem ser subestimados. A análise de documentos fundamentais de nossa história, incorretamente utilizados na bibliografia musical, permitiu corrigir inúmeros erros de tradução em relatos de viajantes, nas referências que fizeram à música e aos instrumentos aqui encontrados”.²

Na terminologia de cordas dedilhadas podemos citar três questões, apontadas por Tabora, que geraram diversas confusões.

A primeira questão é que o termo violão só é utilizado na língua portuguesa. Em outras línguas o instrumento é conhecido como guitarra³, derivado do termo árabe qitara e este do grego kithara.

“O violão foi introduzido no Brasil no século XVI pelos portugueses com o nome de viola ou viola de arame. O instrumento tinha, então, três cordas duplas e a prima simples. No século seguinte, iria ganhar mais uma ordem de cordas e, na segunda

¹ Tabora, Marcia Ermelindo. *Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830/1930*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2004, p. 11.

² *Ibid.*, p. 2.

³ Gr. Kithara; Fr. Guitare; Ger. Gitarre; It. Chitarra; Sp. Guitarra; Port. Violão.

Randel, D. M. *The New Harvard dictionary of music*. Cambridge, London, Belknap Harvard. 1986.

metade dos anos de setecentos, ainda mais outra. Transformou-se assim num instrumento de seis cordas duplas, que se tornaram simples. Isso exigiu um aumento de tamanho para compensar o menor volume de som. Tornou-se, assim, viola grande. Ou *violão*".⁴

A segunda questão é que o termo viola, na língua portuguesa, nomeia dois tipos de cordofones distintos. "Importante mencionar que no Brasil, a palavra viola nomeia também um instrumento da família dos violinos (o alto dos cordofones de arco)".⁵

A terceira questão diz respeito às diversas designações regionais e temporais do termo viola que normalmente é acompanhado de um complemento: viola de tripa, viola de arame, viola de dois corações, viola braguesa, viola caipira, viola de cocho, viola sertaneja.

"É praticamente impossível precisar a expansão e a evolução dos cordofones. Desde o decorrer da Idade Média, farta iconografia européia nos revelou imagens de reis, deuses, damas, anjos músicos pairando suavemente, acalentando toda sorte de instrumentos: cítaras, saltérios, alaúdes, guitarras, harpas ou líras. Se por um lado essa preciosa documentação nos deu conhecimento da existência de tantas variedades de cordofones, por outro fez comprovar a enorme confusão, gerada principalmente pelo fato de um mesmo instrumento ser conhecido por vários nomes e em contrapartida um mesmo nome ser aplicado a vários instrumentos".⁶

Um claro exemplo de imprecisão terminológica é o caso, citado por Taborda⁷, da tradução feita por Sérgio Milliet do livro de Debret⁸ escrito quando esse esteve no Brasil com a Missão Artística Francesa em 1816. Milliet traduziu *violon* como violão e a partir daí inúmeras deduções incorretas se seguiram.

⁴ Taborda, op.cit., 2004, p.11.

⁵ Ibid, p.11.

⁶ Ibid, p. 11.

⁷ Ibid, pg. 18, 2004.

⁸ Debret, Jean Baptiste. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*. Tomos I,II,III. Paris: Firmin Didot Frères, imprimeurs de L'Institut de France, 1835 (citado por Taborda, 2004, p. 16).

“Inépuisable en talents, il est aussi capable de reprendre sur-le-champ une maille échapée à un bas de soie que d’executer sur le *violon*, ou la clarinette, des walses ou des contredanses françaises, qui’il arrange, il est vrai, à sa maniere”.⁹

Outro exemplo, citado por Taborda, de imprecisão é a afirmação por vários autores de que o Padre José Maurício tocava violão e dava aulas utilizando esse instrumento. Ayres de Andrade¹⁰, sobre a atividade musical do Padre José Maurício afirma:

“O padre, como todo bom mulato carioca com queda para a música, era exímio tocador de violão”.

Taborda¹¹ mostra que o instrumento referido provavelmente era uma viola de arame e não um violão.

Para lidar com tais questões, o presente trabalho propõe o emprego de metodologias advindas da organização do conhecimento. Uma das questões fundadoras dessa área diz respeito ao estabelecimento de conceitos de qualquer campo do conhecimento, bem como suas interrelações. Assim, espera-se que a aplicação dos princípios de organização do conhecimento à musicologia possibilite a estruturação terminológica livre de imprecisões e deduções incorretas.

Na seqüência deste trabalho, é apresentado o campo de estudo em organização do conhecimento e as diferentes correntes epistemológicas que o ancoram. Em seguida, discute-se a abordagem de análise do domínio como metodologia para estabelecer os conceitos de uma área. Finalmente, propõem-se as bases para uma ontologia para o domínio das cordas dedilhadas no Brasil.

⁹ Tradução de Taborda (op. cit., 2004) a partir de Debret (op. cit., 1835): “Dono de mil talentos, ele (o barbeiro) tanto é capaz de consertar a malha escapada de uma meia de seda, como de executar, no *violino* ou na clarineta, valsas e contradanças francesas, em verdade arranjadas a seu modo” (...).

¹⁰ Andrade, Ayres de. *Francisco Manuel da Silva e seu tempo: 1808/1865*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2 vols. 1967. (citado por Taborda, 2004, p.19)

¹¹ Taborda, op. cit., 2004.

ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Hjørland¹², membro da International Society for Knowledge Organization – ISKO, considera que o campo de estudo em organização do conhecimento se preocupa com a natureza e qualidade dos processos de organização do conhecimento e com os sistemas de organização do conhecimento usados para organizar documentos, representação de documentos e conceitos. São exemplos de sistemas de organização do conhecimento: vocabulários controlados, arquivos de autoridades, sistemas de classificação, tesouros, redes semânticas e recentemente as ontologias.

A unidade básica da organização do conhecimento, segundo Hjørland¹³, são as relações semânticas entre conceitos, mas estas devem ser analisadas, de forma mais ampla, no âmbito das teorias do conhecimento.

Aristóteles, considerado um dos primeiros teóricos sistemáticos do conhecimento, mostra uma evidente preocupação em saber como o homem conhece e quais as condições do conhecimento verdadeiro.¹⁴

“Todo ensinamento dado ou recebido através do raciocínio provém de um conhecimento preexistente. (...)”.¹⁵

No século XVII, os racionalistas defendem “as formas argumentativas, empíricas ou dedutivas de conhecimento como meios privilegiados para a compreensão da realidade, em detrimento da fé, misticismo, intuição ou revelação religiosa”¹⁶. Descartes (1596-1650)

¹² Hjørland, B. *Fundamentals of Knowledge Organization*. *Knowledge Organization*, 30(2), 2003, pp. 87-111.

¹³ *Ibid*, pp. 87-111.

¹⁴ Silva, F. L. Teoria do Conhecimento. In: *Primeira filosofia. Lições introdutórias*. Editora Brasiliense, 7ª ed., 1987, p. 182.

¹⁵ Aristóteles, *Segundos Analíticos*, versão a partir da trad. Francesa de J. Tricot, Paris, Vrin, 1970, p1-3, (citado por SILVA, 1987, p. 183).

¹⁶ Houaiss, A., Villar, M. S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

questiona a afirmação de que conhecimento é adquirido a partir de uma premissa mais geral e anterior, pois, desta forma, chega-se apenas a algo que já estava contido no ponto de partida. Para ele, existe uma distinção entre a ordem sensível e a ordem intelectual de forma que nem todos os conhecimentos advêm dos sentidos.¹⁷

No empirismo clássico, os filósofos como os ingleses Locke (1632-1704) e Hume (1711-1776), não aceitavam que o fundamento do conhecimento se constituísse de idéias presentes ao espírito anteriormente a qualquer experiência. O “conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos ou do mundo subjetivo pela introspecção”¹⁸. No empirismo epistemológico “todo conhecimento deve ser justificado recorrendo-se aos sentidos, de modo que não é propriamente conhecimento a menos que aquilo que é afirmado seja confirmado (testificado) pelos sentidos”.¹⁹

Os historicistas criticam tanto o racionalismo quanto o empirismo por não incluírem a questão social no aprendizado e desenvolvimento conceitual. “O historicismo é um conjunto de doutrinas e correntes de índole muito diversa que coincidem ao menos em enfatizar o importante papel desempenhado pelo caráter histórico do homem, ou até algumas vezes, de toda a natureza”²⁰. A partir do final do século XVIII a “luta pelos conceitos ‘adequados’ ganha relevância social e política (...) a história dos conceitos torna-se parte integrante da história social”.²¹

¹⁷ Balmes, Jaime. *Historia de la filosofía: Tratado de estética*. Ed. Ibéria. Barcelona, 1952.

¹⁸ Houaiss, op. cit., 2001.

¹⁹ Mora, op. cit., 2001.

²⁰ Ibid.

²¹ Koselleck, R. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto - Ed. Puc-Rio, 2006.

A visão pragmática, diferente das demais, considera que a validade de uma doutrina é determinada pelo seu bom êxito prático. Pierce²², citado por Mora²³, afirma que “toda a função do pensamento é produzir hábitos de ação”. O conhecimento e os conceitos são definidos a partir de atividades práticas em relação aos objetos de uma determinada atividade.²⁴

Atualmente, duas vertentes têm dominado os projetos e a construção de sistemas para a organização do conhecimento. A primeira, a abordagem – *universal* - propõe uma visão universal para a organização do conhecimento e a utilização de um método comum e único que pode basear-se em diversos critérios para representar as diversas áreas do conhecimento, de forma semelhante às classificações bibliográficas. A segunda, a abordagem - *contextual* - se fundamenta no conhecimento do domínio em questão como unidade de análise para a representação e organização do conhecimento, que se tem chamado de análise do domínio.

No âmbito deste trabalho será adotada a *análise do domínio*, abordagem contextual que, segundo Hjørland²⁵, incorpora as possibilidades dinâmicas, ontológicas, epistemológicas e sociais próprias de cada especialidade de conhecimento de forma a respeitar suas particularidades.

²² Charles Sanders Pierce (1839-1914) e William James (1842-1910) foram os primeiros filósofos desta corrente. A citação de Pierce está no artigo: How to make our ideas clear. In *Popular Science Monthly*, 12 [1878], 286-302.

²³ Mora, op. cit., 2001.

²⁴ Hjørland, op. cit., 2003, p.101.

²⁵ Hjørland, B. Domain Analysis: A socio-cognitive orientation for information science research. *Bulletin of the American Society for Information Science & Technology*. 2004.

ANÁLISE DO DOMÍNIO NO UNIVERSO MUSICAL

O trabalho de Lopéz-Huertas²⁶ é um exemplo de utilização de análise do domínio no universo musical. A autora, partindo de um ponto de vista cognitivo²⁷, modela um tesouro como um sistema de organização do conhecimento de instrumentos musicais. A análise do discurso²⁸ é utilizada como método básico para identificar as categorias representativas do domínio e determinar a relevância de cada categoria. O modelo inclui o conhecimento do autor (gerador de conhecimento) e o conhecimento do usuário (suas necessidades). O tesouro é considerado uma estrutura intermediária entre os textos produzidos pelos autores e os usuários. A autora sugere que classificação utilizada deva ser a mais próxima possível da visão dos autores e dos usuários sobre o domínio, visando uma interação mais próxima entre o usuário e a informação. A terminologia do usuário é incluída no vocabulário do tesouro que é orientado pelo assunto do domínio.

Os *conceitos* representativos da disciplina ou da área são selecionados previamente, sendo cada um considerado uma *unidade de análise* e o ponto de partida para a elaboração da estrutura do tesouro. Depois, são identificadas as características relevantes para os conceitos, expressas em textos como artigos, livros, dicionários. Em seguida, são verificados os *elementos textuais (termos)* mencionados repetidamente que, considerados macroestruturas para a *unidade de análise*, são representados em *categorias*.

²⁶ Lopéz-Huertas, M. J. Thesaurus structure design: a conceptual approach for improved interaction. *Journal of Documentation*, 53(2), 1997, pp. 139-177.

²⁷ Ponto de vista cognitivo é uma visão da cognição humana que enfatiza as causas sociais e culturais no pensamento humano. É uma visão menos preocupada com o conhecimento como algo “na cabeça” e mais preocupada com o conhecimento em produtos externalizados como documentos. Enfatiza a internalização de signos e símbolos culturalmente produzidos e a forma como o processo cognitivo é mediado pelo significado cultural, histórica e socialmente construído. (HJØRLAND, B. (2005). *The socio-cognitive view*. Disponível em http://www.db.dk/bh/Lifeboat_KO/home.htm. Acesso em setembro de 2007.

²⁸ Análise do discurso foca em falas e textos como práticas sociais e em seus recursos que são traçados para permitir enable essas práticas. Potter, J. Discourse Analysis and Constructionist Approaches: Theoretical Background. *Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences*. J. T. E. R. (Ed.). Leicester, BPS Books. 1996. p. 5.

Os tesauros tradicionais permitem apenas dois tipos de relações estruturais: as hierárquicas e as associativas. A evolução dos tesauros tradicionais para estruturas com grande capacidade de representação conceitual e a utilização de modelos cognitivos que permita a identificação de numerosas relações conceituais permite a criação de estruturas mais ricas e representativas de um domínio temático.²⁹

ONTOLOGIA PARA O DOMÍNIO DE CORDAS DEDILHADAS

Ontologia “segundo o *aristotelismo*, [é] parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser”.³⁰

Atualmente, no âmbito da organização do conhecimento, o termo *ontologia* é utilizado, também, para designar um sistema de organização do conhecimento, concebido com a finalidade de enriquecer a organização de um domínio. Ontologia pode ser definida como uma “formalização sistemática de conceitos, definições, características, relacionamentos e regras que capturam o conteúdo semântico de um domínio”.³¹ Em relação a outros sistemas tradicionais de organização do conhecimento, as ontologias, possibilitam uma maior abstração conceitual.

Existem algumas ferramentas para a construção de ontologias, no entanto, o passo mais importante para o desenvolvimento de um sistema de organização do conhecimento é a identificação dos conceitos relevantes.³²

²⁹ López-Huertas, M. J. Potencialidad evolutiva del tesoro: Hacia una base de conocimiento experto. En *La Representación y la Organización del Conocimiento en sus distintas perspectivas: su influencia en la Recuperación de la Información. Actas del IV Congreso ISKO-España EOCONSID'99*. Granada, 1999.

³⁰ Houaiss, op. cit., 2001.

³¹ Vickery, Brian. A note on knowledge organisation. Disponível em: http://www.db.dk/bh/Lifeboat_KO/CONCEPTS/Vickery_a_note_on_knowledge_organisation.htm. Acesso em setembro de 2007.

³² Denda, K. Beyond subject headings: a structured information retrieval tool for interdisciplinary fields. *Library Resources and Technical Services* 49(9): 266-275, 2005.

Neste trabalho será utilizada a análise do domínio para identificar os conceitos, incluindo o conhecimento do autor e o conhecimento do usuário. O ponto de partida é a seleção dos *conceitos* representativos da disciplina ou área e em um segundo momento a identificação e sistematização das *características* relevantes dos conceitos.

No caso do domínio de cordas dedilhadas o conhecimento pode estar expresso em: partituras, publicações, teses, biografias, documentos de época, jornais, enciclopédia, dicionário, artigos.

Os conceitos básicos considerados ponto de partida são os termos referentes aos instrumentos de cordas dedilhadas utilizados no Brasil, no século XIX. Na tabela 1, são listados exemplos de conceitos e na tabela 2, exemplos de características gerais relacionadas.

Tabela 1. Conceitos

viola de cocho
viola de dez cordas
viola de dois corações
viola de tripa
viola francesa
viola pomposa
viola quinhentista
viola sertaneja
violão

Tabela 2. Características

cordofones
rasgueado
ponteados
trastos
plectrum
palheta
tablatura
6 cordas

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos mostrar como a utilização da organização do conhecimento é importante na organização de um domínio do conhecimento e como é interessante sua aplicação ao domínio de instrumentos de cordas dedilhadas.

Como próximo passo desse trabalho está prevista a elaboração de uma ontologia para o domínio de instrumentos musicais de cordas dedilhadas com o objetivo de demonstrar como a análise do domínio pode ser utilizada em uma ontologia favorecendo o estabelecimento de relacionamentos entre conceitos dotados de maior riqueza semântica.

Este trabalho está sendo desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisas multidisciplinar em Sistemas de Informações Musicais e Biblioteca Digital de Música da UNIRIO. Contou com a colaboração da Dra. Maria José López-Huertas da Universidade de Granada (Espanha), das Dras. Rosali Fernandez e Maria Nélida González de Gomez do IBICT.